

frente&verso

documentos periódicos de construção

ISSN 2182-8237

habitação unifamiliar
Casa de Leiria
Aires Mateus

45

CI'AMH
CENTRO DE INOVAÇÃO
ARQUITECTURA
E MODOS DE HABITAR





editorial Fábio M. Santos

Até onde nos leva o nosso olhar?

De que nos falam as nossas casas? Esta é a pergunta que nos coloca José Tolentino de Mendonça em *O Pequeno Caminho das Grandes Perguntas* antes de nos perspetivar: “[...] todas as casas falam, pela presença ou ausência, de outra coisa que está para além delas. Falam disso que um humano é, matéria ao mesmo tempo sucinta e imensa, de fazer espanto. [...] Falam da intimidade, de aquém e além da pele. Falam do silêncio e da palavra, que umas vezes se contradizem ou não. Falam do cumprido e do adiado, do sono e da vigília, do fraterno e do oposto, da ferida e do júbilo, da vida e da morte.”

É com este sentido plural e aglutinador que somos chamados a interpretar as obras dos arquitetos Aires Mateus. Na Casa Leiria, são-nos apresentados traços de encontros e desencontros, de iconografia e de abstração, de afirmação e de anonimato, de Arquitetura e de Vida. Compreendemos nesta casa uma aproximação gradual ao lugar, às pessoas, ao programa, às condicionantes, ao terreno, à materialidade: análises e caminhos que sempre se percorrem e que permitem a transfiguração do pensamento numa linha de ideias e de formas que desencadeiam o projeto e a obra. Observam-se, depois, algumas condições específicas do projeto, que porventura provocaram a ramificação e definição dos espaços. São opções, imposições do cliente ou até designações voluntárias que se manifestaram e influíram pela mão do arquiteto. A casa afirma-se exteriormente como um volume simples, branco, de duas águas, disposto em lote irregular, adquirindo alguma “independência” face à envolvente edificada pouco definida.

Deste arquétipo – um abrigo, forma quase primitiva de arquitetura – muito ainda haverá a descobrir: a geometria iconográfica, quase *naïf*, encerra em si um propósito maior de provocação. A clareza formal, quase simbólica, do volume de duas águas que se assume exteriormente é, ao mesmo tempo, antítese da própria morfologia da habitação, parcialmente localizada em piso inferior, onde os vários pátios, escavados no terreno, constituem uma espécie de cosmos, cuja dinâmica de utilização se adivinha variada e distinta. Pátios a norte, a sul e a poente mostram o céu, desafiam o horizonte e trazem o plano celeste para o espaço de habitar.

Diz-nos ainda Tolentino de Mendonça que “Vivemos demasiado em casas fechadas, com a bagagem arrumada em gavetas estáveis como se não tivéssemos de voltar a sair [...] Vivemos como se o que vemos fosse tudo o que há para ver. Fazemos no nosso quintal o universo.”

É também disto que nos fala a Casa Leiria, dessa capacidade de encapsular o tempo, o espaço, o céu. A ausência de matéria – ou o sentido de negação da própria envolvente urbana – revela-se não apenas como um campo aberto para a conceção do projeto mas, sobretudo e surpreendentemente, para permitir a amplitude do nosso próprio olhar num sentido introspetivo. Não se trata de uma casa para reflexão: é, pelo contrário, a manifestação da compreensão da casa como berço de vida, como universo infinito da nossa própria existência e da imensidão do ato de habitar.

Não será esse também, afinal de contas, o papel do arquiteto, provocar a dúvida, o confronto, a discussão? Aproveitar encruzilhadas para produzir novos conteúdos, instigar o conhecimento, questionar a realidade e propor novos desafios?



da obra Fábio M. Santos

Luz, material de construção

Em Pousos, Leiria, encontra-se uma casa da autoria dos arquitetos Aires Mateus que se prefigura como importante exemplar da produção arquitetónica portuguesa contemporânea.

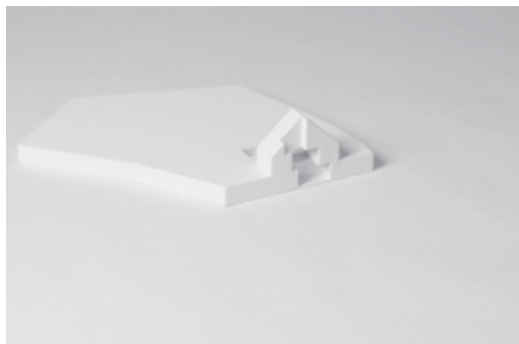
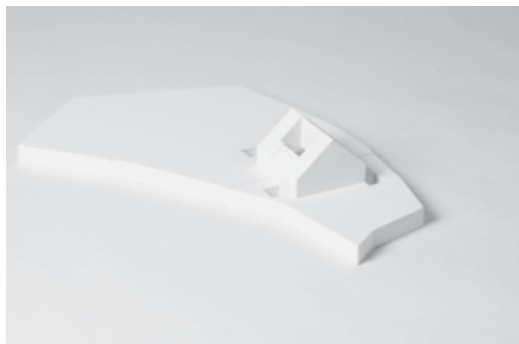
A encomenda partiu de um casal de professores que, seguindo o interesse pessoal pela arquitetura, lançaram o desafio de projetar uma casa com programa comum, que os distanciasse da proximidade da rua e lhes permitisse alguma privacidade, num lote que consideravam pouco interessante. Programaticamente a obra é bastante simples, estabelecendo uma divisão entre zonas sociais (acima da cota do piso térreo) e zonas privadas (localizadas abaixo do piso térreo), que se articulam por intermédio de pátios.

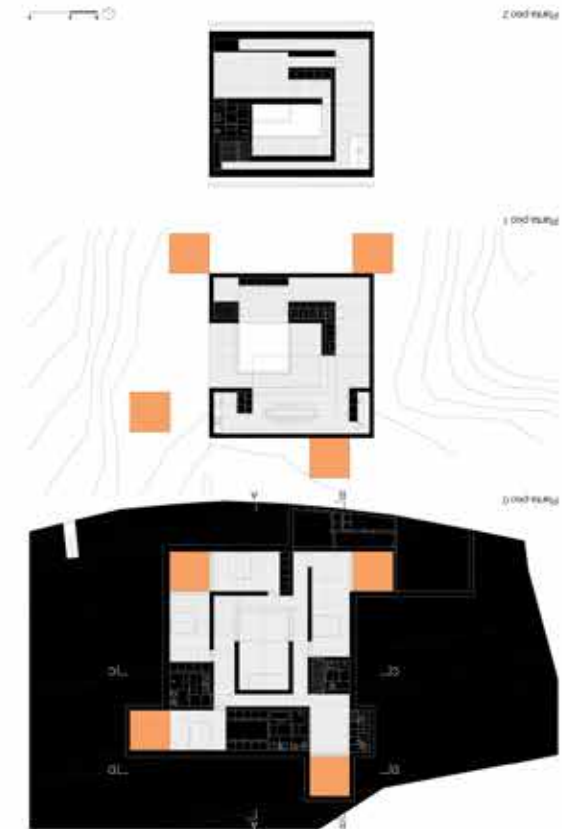
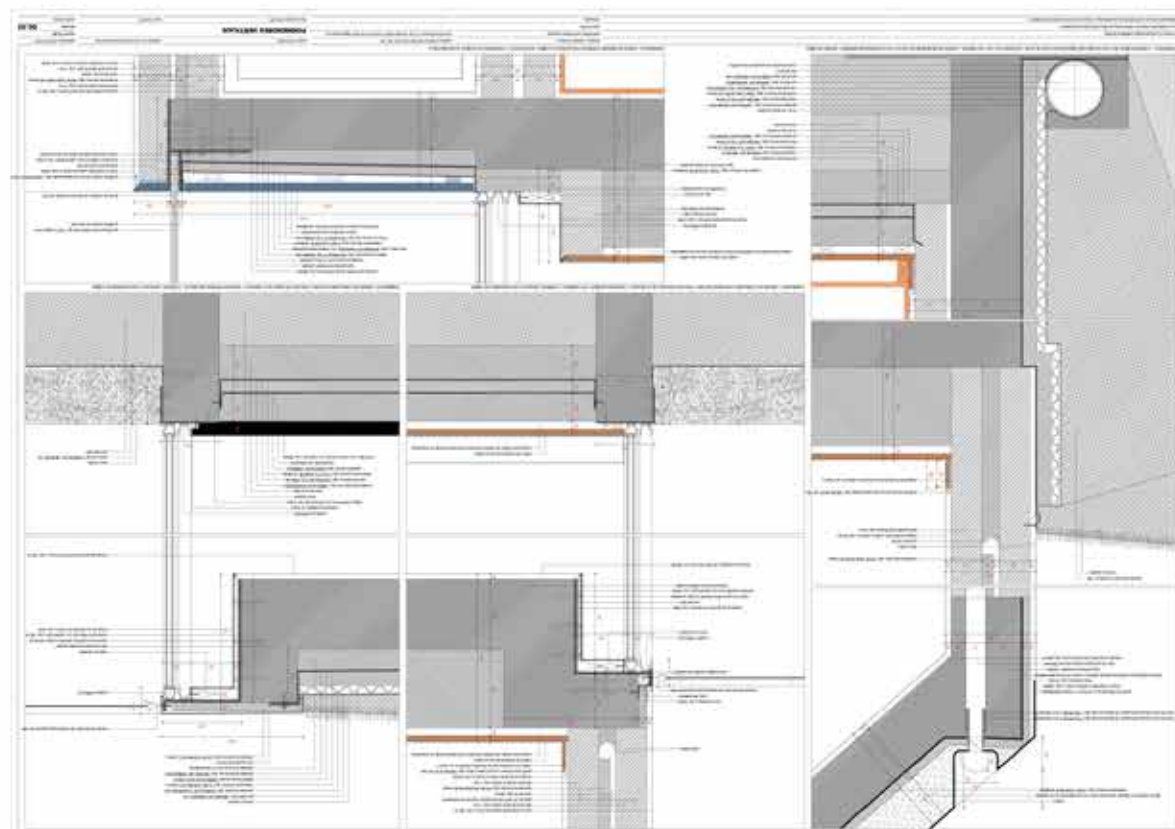
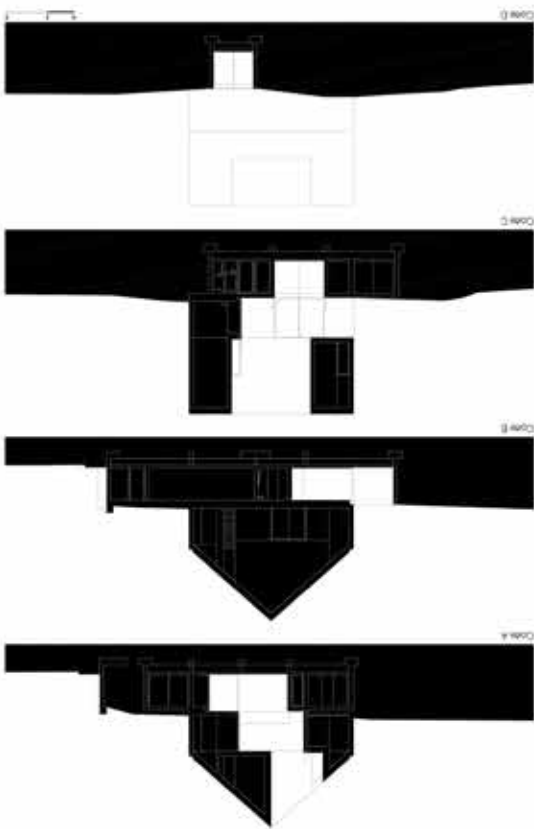
Exteriormente, assume-se um volume branco, de duas águas, de caráter abstrato, que se destaca pelo contraste com a envolvente. Este volume de dois pisos, sem aberturas aparentes para o exterior, é “rasgado” por um vazio que permite a entrada de luz e, ao mesmo tempo, introduz o tema do pátio, enquanto elemento de composição arquitetónica. Esse pátio central cruza o espaço de toda

a casa até à zona dos quartos, criando uma certa axialidade na composição e oportunidades de relação visual e espacial entre toda a habitação.

A obra concretizou-se em 2010, por meio de uma estrutura de betão armado e com sistema construtivo de alvenaria de tijolo e isolamento térmico pelo exterior – ETICS – tirando partido da plasticidade e leitura homogénea que este revestimento permite. Contudo, importa também reconhecer nesta obra a importância da Luz como material de construção e de produção de espaço. De facto, a preocupação com o domínio da luz natural, seja através de pátios, de enquadramentos de iluminação filtrada ou da própria disposição interna, revela-se um tema transversal neste projeto. Observe-se, por exemplo, o sentido de abstração cromática e volumétrica que a casa oferece – volumes simples, superfícies planas, brancas – onde se evidenciam as formas por intermédio da luz e da sombra.

A Casa Leiria personifica uma abordagem arquitetónica intencional e operativa: relaciona-se com a envolvente, confrontando-a; manifesta-se distintamente, assumindo-se como um volume iconográfico; e encerra-se sobre si própria, abrindo-se para um diferente habitar.





do obra Felipe M. Santos Luz, material de construção

Em Póvoas, Leiria, encontra-se uma casa da autoria dos arquitetos Aires Mateus que se configura como importante exemplo da produção arquitetónica portuguesa contemporânea.

A encomenda partiu de um casal de professores que, seguindo o interesse pessoal pela arquitetura, lançaram o desafio de projetar uma casa com programa comum, que os distanciasse da proximidade da rua e lhes permitisse alguma privacidade, num lote que consideravam pouco interessante. Programaticamente a obra é bastante simples, estabelecendo uma divisão entre zonas sociais (acima da cota do piso térreo) e zonas privadas (localizadas abaixo do piso térreo), que se articulam por intermédio de pilões.

Edonometricamente, assume-se um volume branco, de duas águas, de caráter abstrato, que se destaca pelo contraste com o envolvente. Este volume de dois pisos, sem aberturas aparentes para o exterior, é "lascado" por um vazio que permite a entrada de luz e, ao mesmo tempo, introduz o tema do pátio, enquanto elemento de composição arquitetónica. Essa pátio central cruza o espaço de toda

a casa até à zona dos quartos, criando uma certa unidade na composição e oportunidades de relação visual e espacial entre toda a habitação.

A obra concretizou-se em 2010, por meio de uma estrutura de betão armado e com sistema construtivo de alvenaria de tijolo e isolamento térmico pelo exterior – ETICS – tirando partido da plasticidade e leitura homogênea que este revestimento permite. Contudo, importa também reconhecer nesta obra a importância da Luz como material de construção e de produção de espaço. De facto, a preocupação com o domínio da luz natural, seja através de pátios, de enquadramentos de iluminação filtrada ou da própria disposição interna, revela-se um tema transversal neste projeto. Observa-se, por exemplo, o sentido da abstração geométrica e volumétrica que a casa oferece – volumes simples, superfícies planas, brancas – onde se evidenciam as formas por intermédio da luz e da sombra.

A Casa Leiria personifica uma abordagem arquitetónica intencional e operativa, relacionada com a envolvente, confrontando-se, manifesta-se distintamente, assumindo-se como um volume iconográfico, e encerra-se sobre si própria, abdicando-se para um diferente habitat.



NEW WAYS OF DESIGN,
BUILD AND LIVING
RESEARCH GROUP

CIAMH Research on Innovation

geral@ciamh.up.pt
www.ciamh.up.pt



frente&verso documentos periódicos de construção habitação unifamiliar Casa de Leiria Aires Mateus



editorial Felipe M. Santos Até onde nos leva o nosso olhar?

De que nos falam as nossas casas? Esta é a pergunta que nos coloca José Telente de Mendonça em *O Pequeno Canteiro das Gêndes*. Perguntas antes de nos posicionar. "[...] todas as casas falam, pela presença ou ausência, de outra coisa que está para além delas. Falam disso que um humano é, matéria ao mesmo tempo suculenta e inerte, de fazer espanto. [...] Falam da interioridade, aquilo e além da pele. Falam do silêncio e da palavra, que umas vezes se contradizem ou não. Falam do cumprido e do adiado, do sono e da vigília, do futuro e do oposto, de ferida e do júbilo, da vida e da morte."

É com este sentido plural e aglutinador que somos chamados a interpretar os obras dos arquitetos Aires Mateus. Na Casa Leiria, são-nos apresentados traços de encontros e desencontros, de iconografia e de abstração, de afirmação e de anomalia de Arquitetura e de Vida. Compreendemos nesta casa uma aproximação gradual ao lugar, às pessoas, ao programa, às condicionantes, ao terreno, à materialidade, análises e caminhos que sempre se percorrem e que permitem a transfiguração do pensamento numa linha de ideias e de formas que desvendam o projeto e a obra. Observam-se, depois, algumas condições específicas do projeto, que pontualmente provocam a renovação e definição dos espaços. São espaços, imprecisões do cliente ou as designações voluntárias que se manifestaram e influem pela mão do arquiteto. A casa afirma-se entusiasmante como um volume simples, branco, de duas águas, disposto em tela irregular, adquirindo alguma "independência" face à envolvente edificada pouco teñista.

Desta arquitetura – um abrigo, forma quase primária de arquitetura – muito ainda haverá a descobrir: a geometria iconográfica, quase nua, encerra em si um propósito maior de provocação. A clareza formal, quase simbólica, do volume de duas águas que se assume exteriormente é, ao mesmo tempo, antítese da própria morfologia da habitação, particularmente localizada em piso inferior, onde os vários pátios, escavados no terreno, constituem uma espécie de cosmo, cuja dinâmica de utilização se advinha variada e distinta. Pátios a norte, a sul e a oeste mostram o céu, desafiando o horizonte e trazem o plano exterior para o espaço da habitação.

Do nos anda Telente de Mendonça que "vivemos demasiado em casas fechadas, com a bagagem amarrada em gavetas estóveis como se não tivéssemos de voltar a sair [...] Vivemos como se o que vemos fosse tudo o que há para ver. Fazemos no nosso quintal o universo."

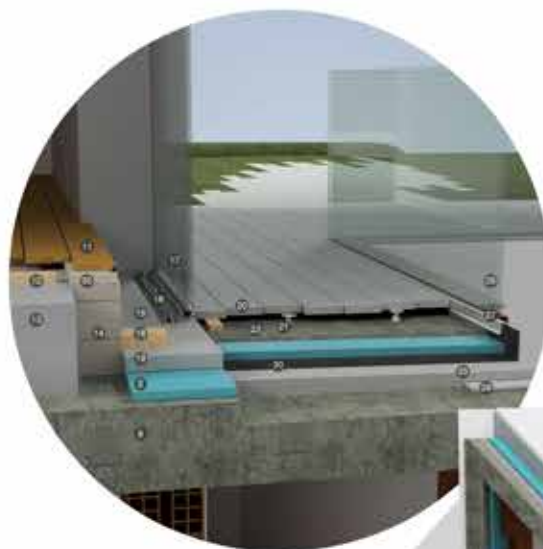
E também disto que nos fala a Casa Leiria, dessa capacidade de encapsular o tempo, o espaço, o céu. A qualidade da matéria – ou o sentido de negação da própria envolvente urbana – revela-se não apenas como um cartão aberto para a concepção do projeto mas, sobretudo e surpreendentemente, para permitir a amplitude do nosso próprio olhar num sentido introspectivo. Não se trata de uma casa para refletir, é, pelo contrário, a manifestação da compreensão da casa como berço de vida, como universo infinito da nossa própria existência e da inelutabilidade do ato de habitar.

Não será esse também, além de contas, o papel do arquiteto, provocar a dúvida, o confronto, a discussão? Aproximar, encurtando, para produzir novos conteúdos, instigar o conhecimento, questionar a realidade e propor novos desafios?

A - Pormenor da Cobertura e varanda superior



B - Transição Interior-Exterior + Remate Inferior da Caixailharia



C - Transição de uma parede exterior com o Terreno Vegetal



D - Pormenor de Remate do Piso Térreo



- 01 Pintura a Tinta Epóxi à cor Branco + Impermeabilização
- 02 Laje de betão com alagado
- 03 Isolamento Térmico em Poliestireno Extrudado (Porextherm)
- 04 Estrutura Projectada, pintura a branco
- 05 Paredes Exteriores, pintura a branco
- 06 Paredes Interiores
- 07 Membrana líquida elastica e impermeável de Polipropileno
- 08 Betão Armado
- 09 Isolamento Térmico em Poliestireno Extrudado (Porextherm)
- 10 Alvenaria de Tijolo Furado (15cm)
- 11 Sossão de Madeira Maciça, em Pinho
- 12 Ripado de Madeira de Pinho incrustado (assente em:

- argamassa)
- 13 Enclausuramento em Bêta Lame
- 14 Muro em Alvenaria
- 15 Chapa de Aço
- 16 Caixailharia de Alumínio
- 17 Vidro Laminado
- 18 Colço de Madeira
- 19 Betão de Regularização
- 20 Granito Seneado
- 21 Apoio Regularizado para Pavimento
- 22 Pêlo de Protecção Intemper TP_130
- 23 Pêlo de Protecção Intemper TP_300

- 24 Tola de PVC (Interlayer TP)
- 25 Camada de Fôrma (1% de pendente)
- 26 Guarda em Vidro Laminado (GGV)
- 27 Perfil de Remate em Alumínio
- 28 Estrutura Metálica em Aço Galvanizado
- 29 Armário
- 30 Borda de Madeira Maciça
- 31 Ripado de Madeira Maciça, pintado a branco
- 32 Enclausuramento
- 33 Perfil de Remate em Aço Pê Galvanizado
- 34 Terreno Vegetal
- 35 Geotextil

- 36 Canchêlo Drenante
- 37 Tola Detentiva em primeiro declive
- 38 Canchêlo drenante (SRTA)
- 39 Separador Fluido (Impedimento)
- 40 Isolamento Térmico em Poliestireno Extrudado (Porextherm)
- 41 Massame Armado
- 42 Enclausuramento
- 43 Geotextil (Impedimento)
- 44 Caixa Drenante em granulado de Gredalha
- 45 Depósito em Bêta Armado
- 46 Terreno Completado



